

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória

(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41
Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, Nº48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018.

António Carlos Valera¹

Ana Catarina Basílio²

Tiago do Pereiro³

Resumo:

Apresentam-se os resultados da primeira intervenção em Santa Vitória (Campo Maior) realizada em 2018 no âmbito do projecto *Santa Vitória: Temporalidades, Arquitecturas e Práticas Sociais num pequeno recinto de fossos*. Este pretende aplicar ao sítio um questionário científico que permita confrontar as dinâmicas sociais e as temporalidades de um pequeno recinto de fossos, com as registadas num grande complexo de recintos, como os Perdighões.

Nestes trabalhos foi estabelecida a planimetria do sítio através de prospecção geofísica e obtidas as primeiras datações de radiocarbono para a sua fase final de utilização, a partir de duas sondagens iniciadas em cada um dos fossos que compõem o recinto.

Abstract:

SANVIT project: a new research cycle in Santa Vitória enclosure (Campo Maior). Results of the 2018 campaign.

The results of the first archaeological intervention in Santa Vitória (Campo Maior) conducted in 2018 are presented. This intervention occurred in the context of the project *Santa Vitória: Temporalidades, Arquitecturas e Práticas Sociais num pequeno recinto de fossos* (*Santa Vitória: temporalities, Architectures and Social Practices in a small ditched enclosure*). The project will apply a scientific inquiry designed to allow the comparison between the social dynamics and temporalities of a small ditched enclosure with the ones recorded in a large complex of enclosures such as Perdighões.

In this campaign the planimetry of the enclosure was established through geophysics and the first radiocarbon dates were obtained for the site's final phase of use, in two surveys in the ditches that form the enclosure.

1. Introdução.

O recinto de Santa Vitória (CNS 3612) é “um velho conhecido” da arqueologia portuguesa, correspondendo ao primeiro recinto de fossos identificado e intervencionado em Portugal, durante os anos 80 e inícios de 90 do século XX (Dias, 1996).

Estas campanhas, realizadas entre 1986 e 1993, permitiram identificar duas estruturas de tipo fosso sinuoso, que delimitam dois recintos. A planimetria do fosso interior (Fosso 1) foi totalmente definida, apresentando uma área de entrada orientada a 57°, ou seja, ao solstício de Verão (Valera, 2013a). Por sua vez, o fosso externo (Fosso 2) foi apenas sondado numa área de interrupção, encontrando-se esta entrada orientada a Norte.

Para além das duas linhas de fossos foram também identificadas, e intervencionadas, 16 fossas, das quais oito se implantam no interior do recinto formado pelo Fosso 1, enquanto as restantes são externas a este espaço, encontrando-se apenas uma fora da área desenhada pelo Fosso 2.

No entanto, pouco se sabe para além das características arquitectónicas genéricas dos contextos intervencionados, existindo um total desconhecimento das estratigrafias, dinâmicas de preenchimentos, cronologia absoluta e grande parte da cultura material e registo faunístico. Tal fica a dever-se à ausência de publicações relativas aos trabalhos desenvolvidos no século passado, apenas existindo uma publicação mais genérica nos Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve (Dias, 2001) e de uma tese de mestrado, que se foca, essencialmente, nas tipologias de alguns conjuntos cerâmicos (Dias, 1996). Regista-se, assim, um claro contraste entre o elevado ritmo de escavação (expresso na área intervencionada) e a publicação adequada dos resultados desses trabalhos, traduzido num significativo desconhecimento dos contextos, materiais, práticas e cronologia deste sítio arqueológico. Neste contexto, trazer a

¹ Era Arqueologia / ICArEHB-U. Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² ICArEHB-U. Algarve. (catarinasbasilio@gmail.com)

³ Era Arqueologia. (tiagopereiro@era-arqueologia.pt)

investigação de volta a Santa Vitória é como chegar a um sítio quase inédito e com um inquérito muito diferente daquele com que o sítio foi inicialmente abordado há mais de 30 anos, feito agora num novo contexto teórico e empírico que envolve o fenómeno dos recintos de fossos.

De facto, a recente proliferação de recintos de fossos no interior alentejano, resultado do desenvolvimento de projectos de investigação e de intervenções realizadas no âmbito da Arqueologia de Salvamento e Minimização (Lago *et al.* 1998; Valera, 2012a; 2013a; 2013b; 2014; 2015; Valera, Filipe 2004; Valera, Becker 2011; Valera *et al.* 2017; Santos *et al.* 2009; Rodrigues, 2015), veio alterar a visão que inicialmente se tinha deste tipo de sítios em Portugal e introduziu todo um novo conjunto de problemáticas na sua investigação.

Assim, o projecto “Temporalidades, Arquitecturas e Práticas Sociais num Recinto de Fossos – SANVIT”, vigente para o quadriénio 2018-2021, visa aplicar ao sítio arqueológico um questionário científico que permita confrontar as dinâmicas sociais e as temporalidades de um pequeno recinto, com as que têm vindo a ser registadas num grande complexo de recintos de fossos, como é o caso do dos Perdígões. A investigação de duas décadas nos Perdígões tem permitido aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas e desempenhos sociais que este tipo de recintos de “longa duração” parece ter desempenhado. Contudo, não existem termos de comparação que permitam perceber o contraste entre os grandes complexos de fossos e os recintos com expressões espaciais e temporais mais restritas, devendo-se esta questão à ausência de projectos de investigação programada, com questionários adequados e orientados para as dinâmicas de pequenos recintos. As poucas e restritas intervenções realizadas em recintos de menores dimensões foram-no no contexto da Arqueologia de Salvamento, sendo a excepção Santa Vitória, mas que é lamentavelmente inutilizável pelas razões já expostas. A necessidade de compreender as dinâmicas que geram estas disparidades de tamanho e duração, e muito provavelmente em muitas das práticas associadas a estes contextos, é uma das linhas prioritárias de investigação do fenómeno dos recintos de fossos no interior alentejano, já que o assunto nunca foi verdadeiramente investigado, sendo antes tratado axiomáticamente com base em modelos hierarquizantes do povoamento, nunca empiricamente testados.

Neste contexto, o projecto SANVIT pretende investigar as arquitecturas de Santa Vitória, as suas temporalidades e as práticas sociais que ali decorreram com o objectivo de, por um lado, caracterizar o sítio em função das problemáticas actuais na investigação dos Recintos de Fossos e, por outro, construir um quadro comparativo para as dinâmicas que têm sido observadas nos Perdígões. Procura-se perceber como duas biografias, aparentemente diferentes, se enquadram dentro de um quadro de pressupostos partilhados, mas que se expressam de forma e com durabilidades distintas. Como tal, o projecto SANVIT será desenvolvido numa relação permanente com o projecto global de investigação dos Perdígões.

2. O Recinto de Santa Vitória

O Recinto de Santa Vitória localiza-se administrativamente na freguesia de São João Baptista, concelho de Campo Maior, no distrito de Portalegre, contando com um acesso particularmente facilitado, pela sua localização junto à Estrada Nacional 373 (Campo Maior-Elvas) (Figura 1). Trata-se de um sítio classificado como Imóvel de Interesse Público (Portaria 200/2016), propriedade do Estado Português, cuja gestão está actualmente entregue ao Município de Campo Maior (tendo transitado da Direcção Regional de Cultura do Alentejo no âmbito dos diplomas de descentralização recentemente aprovados em Conselho de Ministros).

Implanta-se no topo de uma elevação alongada com 312 metros de altitude, no limite Nordeste da Bacia Hidrográfica do Rio Caia, contando com diversos recursos aquíferos nas suas imediações, encontrando-se o mais próximo a cerca de 170 metros. Para além dos pequenos cursos de água, podemos destacar a proximidade do Rio Caia, do qual dista apenas 3km, ou ainda do Guadiana, a 16,5 km. Apresenta uma ampla visibilidade de 360° sobre a paisagem, sendo esta um pouco mais limitada para Norte, mas bastante extensa nas restantes direcções (Figuras 1 e 2).

Do ponto de vista geológico, desenvolve-se numa área caracterizada por rochas magmáticas e migmatíticas, encontrando-se integrado numa mancha de rochas hipersténicas com afinidades charnoquíticas que constituem um afloramento alongado na direcção NW/SE na área de Campo Maior. Este é cruzado por diversos filões e por um anel periférico incompleto de gabros, dioritos e rochas híbridas (rochas brandas) que se estende até Santa Vitória, constituindo o seu substrato geológico, o qual se encontra bastante alterado e heterogéneo. Podem ainda ser identificados dioritos quartzíferos e anfíbolos, sendo a mais vulgar a hornblenda comum, de tonalidade esverdeada (Dias, 1996).

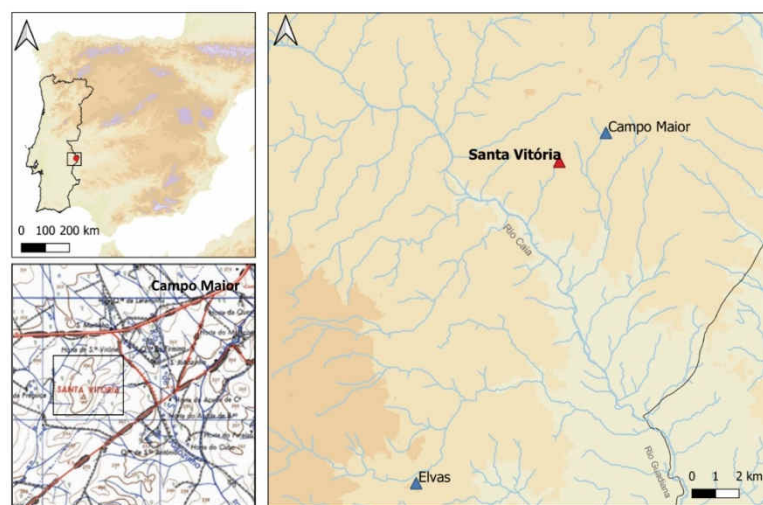


Figura 1 – Localização de Santa Vitória na Península Ibérica; na Carta Militar de Portugal; folha XX, escala. 1:25000; na bacia hidrográfica do Rio Caia, afluente directo do Rio Guadiana.

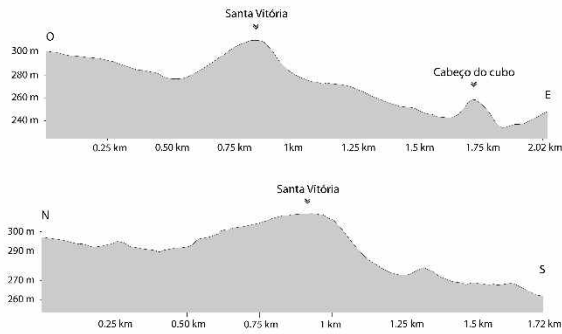


Figura 2 – Perfis topográficos sobre-elevados com localização de Santa Vitória e Cabeço do Cubo.

3. Os trabalhos de 2018

A campanha de 2018, primeira realizada no âmbito do projecto SANVIT, decorreu entre os dias 3 e 28 de Setembro, tendo os seguintes objectivos:

1. Limpeza de todo o perímetro vedado em torno ao recinto;

2. Definição da planimetria total do sítio através de trabalhos de geofísica (magnetometria);

3. Execução de duas sondagens (Fossos 1 e 2) para começar a conhecer estratigrafias, compreender as dinâmicas de preenchimento e recolher amostras para a realização de datações de radiocarbono;

4. Realização da avaliação do estado de conservação das estruturas negativas.

De forma genérica, os objectivos definidos foram cumpridos. No entanto, e devido ao estado de abandono em que se encontrava o recinto, os trabalhos de limpeza ocuparam uma porção de tempo superior ao que inicialmente se encontrava previsto, o que implicou uma redução dos trabalhos de escavação nesta primeira campanha.

3.1. Os trabalhos de limpeza

A grande densidade de vegetação de média/grande dimensão obrigou ao recurso de meios mecânicos para o seu corte. A limpeza no interior das estruturas foi feita manualmente, com excepção da Fossa 1 (fossa externa ao recinto formado pelo Fosso 1), que acumulou uma grande quantidade de lixo e que, pela sua profundidade, obrigou a uma limpeza manual assistida por meios mecânicos.



Figura 3 – Esquerda: imagem aérea antes da limpeza; Direita: Imagem aérea depois da limpeza..

A desmatação realizada e a raspagem do geológico nas áreas já escavadas permitiu uma redefinição das estruturas existentes e possibilitou a realização da prospecção geofísica e o trabalho de avaliação do estado de conservação das estruturas negativas (Figura 3).

3.2. A prospecção geofísica

Com a realização da prospecção geofísica procurou-se definir a planimetria completa de Santa Vitória, nomeadamente do Fosso 2. Estes trabalhos foram realizados com recurso ao magnetómetro Bartington 601/2, com dois sensores de 1m de comprimento separados por 1m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0.1nt (nanotesla), considerando-se que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nt (o.4 gauss), que podem variar durante o dia. Este equipamento permite detectar anomalias até cerca de 3m de profundidade (a média é 1m). A recolha dos dados iniciou-se com a marcação no terreno de uma grelha georreferenciada, com quadrados de 30x30m. Estes quadrados foram divididos em 15 linhas de prospecção manual em modo zig-zag, permitindo a recolha de medidas a cada 0.125m com espaçamento entre linhas de 1m. Os dados obtidos foram descarregados no final do levantamento e processados com software Geoplot 4.0.

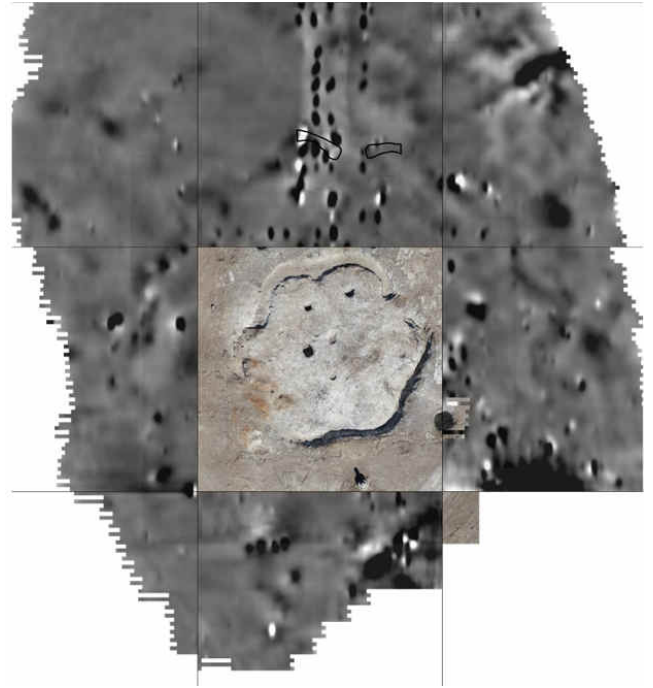


Figura 4 – Magnetograma de Santa Vitória sobreposto sobre imagem aérea do recinto interior. Quadrados com 30m de lado.

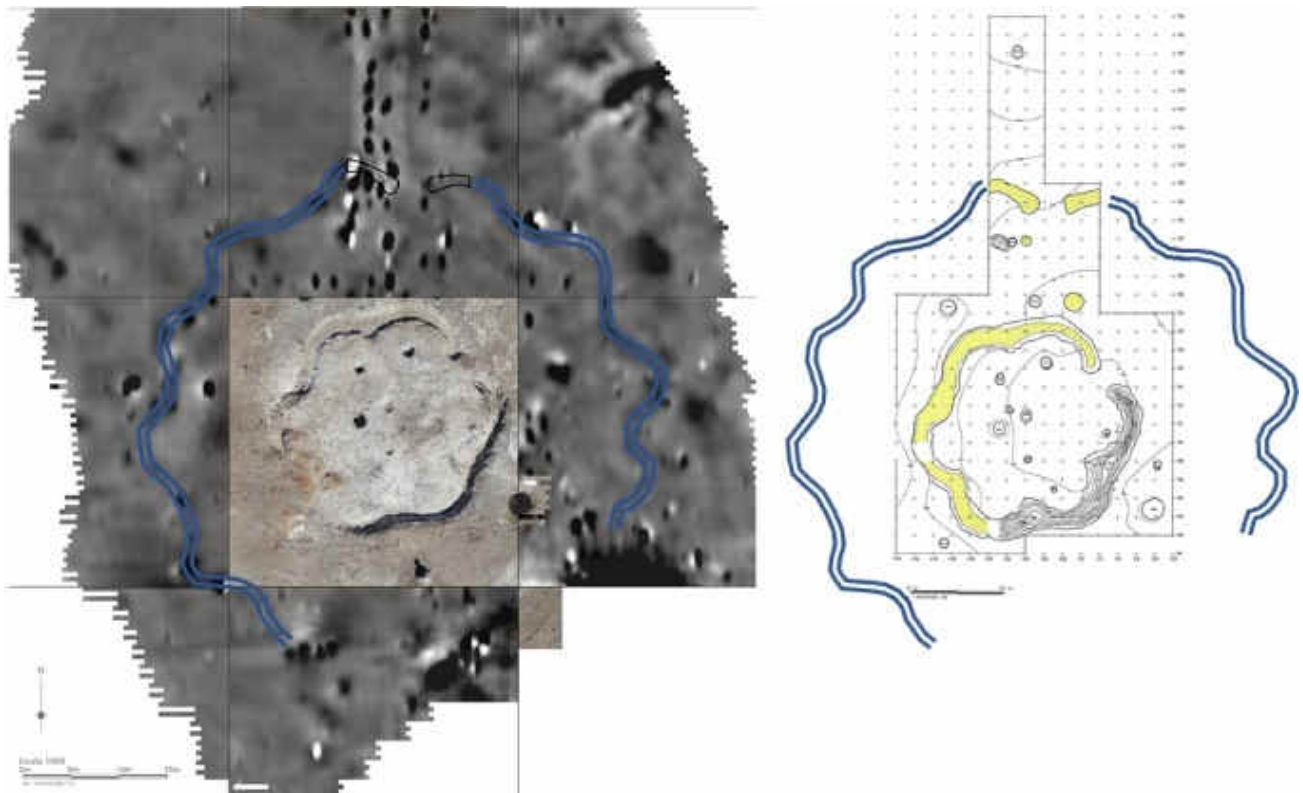


Figura 5 – Esquerda: interpretação do traçado do Fosso 2 sobre magnetograma; Direita: planta do traçado dos dois fossos.

Os resultados obtidos (Figura 4) são significativos, ainda que a qualidade da imagem conseguida seja apenas sofrível. Apesar da boa limpeza realizada, a existência dos pregos da quadrícula das intervenções antigas (bem visíveis nas anomalias regulares) e a grande quantidade de lixo metálico que foi sendo enterrado ao longo dos anos de abandono do sítio (nomeadamente caricas, latas e outros materiais metálicos) perturbam bastante a leitura do magnetograma e das estruturas arqueológicas. Ainda assim, é possível perceber no magnetograma os contornos difusos de grande parte do Fosso 2, com excepção do quadrante sudeste, no qual a perturbação exercida pelo lixo e intervenções anteriores no terreno não permitem perceber a trajectória desta estrutura nesse ponto.

Apesar de difuso, é possível observar que o traçado do Fosso 2 é igualmente sinuoso, com 50m de diâmetro, apresentando 10 lóbulos visíveis e sendo previsível a presença de 12 (Figura 5), ou seja, do dobro dos apresentados pelo Fosso 1, relativamente ao qual se desenvolve de forma genericamente paralela, gerando uma planta global de tendência concêntrica, de fossos sinuosos com lóbulos bem padronizados, numa tipologia já bem conhecida na bacia do Guadiana (Valera 2012b). Conjugando a topografia do terreno com a área submetida a prospecção geofísica (delimitada pela vedação existente que circunscreve a área de protecção do sítio), fica-se com a ideia de que não existirão outras estruturas de tipo fosso. Contudo, fora do Fosso 2 existem igualmente várias anomalias de tendência circular que corresponderão a possíveis estruturas de tipo fossa.

3.3. As sondagens

Começaram a ser realizadas duas sondagens, uma em cada fosso, que visavam uma primeira aproximação às suas dinâmicas de enchimento e a obtenção de material para realização de datações absolutas.

O Fosso 1

Nesta estrutura foi implantada uma sondagem de 5x3m no extremo Oeste do recinto, num troço que se apresentava melhor conservado e menos intervencionado pelos trabalhos previamente realizados no recinto. Esta zona apresentava ainda o enchimento de topo original, parcialmente afectado pela exposição aos elementos entre 1993 e 2018. Contudo, o lado Norte da área marcada (que corresponde à [102]) encontrava-se já parcialmente escavado.

O enchimento de topo correspondia a um aglomerado pétreo [101] com uma extensão de cerca de 2 metros, sem uma forma muito definida, que extravasava ambos os limites do próprio fosso. Era composto por pedras de diversas dimensões, no meio das quais foi possível recuperar um grande dormente. Este tipo de deposições/aglomerações tinha sido já identificado nas intervenções prévias a SANVIT, tendo sido interpretadas como estruturas habitacionais ou “eventuais arranques de cabana” que se desenvolveriam à cota das estruturas

negativas ou ainda envolvidas no topo do seu enchimento (Dias, 1996: 5) (Figura 6A).

Este aglomerado cobria uma depressão [103] que era igualmente preenchida por um depósito com pedras [105], de pequenas dimensões, tendo sido escavada no depósito [106]. Este depósito encontrava-se sobre o topo de um *recutting* [109], no qual foram identificados três níveis de deposição sucessiva de elementos pétreos, cerâmicas (recipientes e cerâmica de revestimento) e fauna ([107], [108] e [110]), ainda que o momento mais antigo apresente menor densidade e estruturação. Esta realidade poderá responder a algumas das situações que foram designadas por “complexos de recolha” nas campanhas anteriores (Dias, 1996, p. 27-39) (Figura 6B). Este *recutting* foi aberto no depósito [111], o qual cobria depósitos que não foram escavados nesta campanha, entre os quais se regista um abatimento da parede Oeste do fosso.

A escavação atingiu apenas 0,60m de profundidade, abrangendo, assim, apenas a fase final de enchimento do Fosso 1 (que na área em que se encontra totalmente escavado apresenta profundidades de 1,50 / 1,60 metros). Foi possível para já identificar três momentos genéricos: uma fase prévia ao *recutting* detectado (que engloba o depósito [111] e tudo o que não foi escavado ainda), a abertura e preenchimento do *recutting*, e os contextos que lhe são posteriores (depressão e seu preenchimento e aglomerado pétreo de topo).



Figura 6 – A: Fosso 1, UE 101; B: Fosso 1, *recutting* e enchimento UE108.

O Fosso 2

A intervenção no Fosso 2, localizada no lado Oeste da entrada Norte, consistiu na limpeza e acerto dos cortes de uma sondagem realizada nas intervenções prévias ao projecto SANVIT (com a finalização da escavação do lado Este, onde se preservavam alguns depósitos na base do fosso numa extensão de 96 centímetros), e a decapagem do topo dos enchimentos até à interrupção do fosso que constitui a entrada (Figura 7).

No caso do acerto de cortes na área anteriormente sondada, verificou-se que os mesmos apresentam estratigrafias algo diferentes entre si (Figura 8).



Figura 7 – Sondagem no Fosso 2.

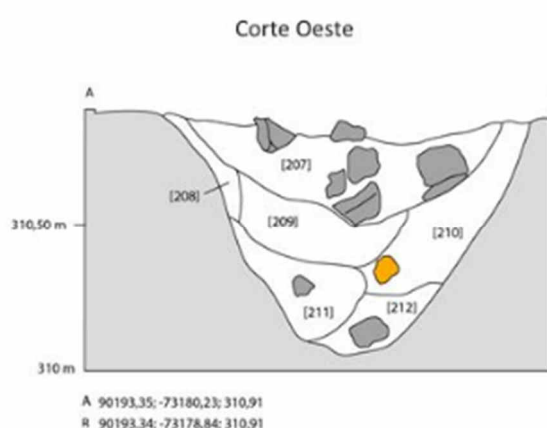
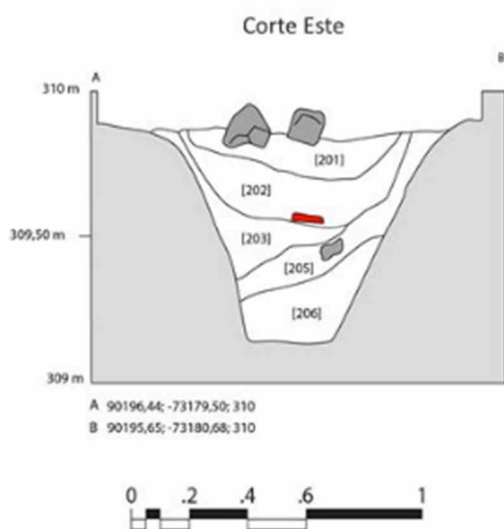


Figura 8 – Perfis do Fosso 2.

No corte Este, foi identificado um recorte realizado em enchimentos prévios (sequência de três depósitos: [206], [205] e [203]) que permite equacionar dois cenários. Por um lado, a existência de dois momentos de *recutting* distintos, encontrando-se o primeiro preenchido pelo depósito [202], tendo este sido posteriormente recortado e preenchido pelo aglomerado de grandes e pequenas pedras numa matriz argilosa [201]. Por outro, a possibilidade de estarmos perante um único *recutting* com dois momentos de enchimento. No entanto a resposta a esta dúvida só poderá ser obtida em campanhas futuras, considerando que as questões levantadas se baseiam apenas na observação do corte Este.

Já no acerto corte Oeste foi detectada uma estratigrafia com depósitos entrecruzados com origem nos dois lados do fosso e, no topo, um outro *recutting* preenchido por pedras numa matriz argilosa.

Nestes trabalhos apenas se registaram escassos fragmentos e um resto de fauna, este proveniente da base da [202].

4. A cultura material e o conjunto faunístico

O conjunto artefactual recuperado nesta primeira campanha do projecto SANVIT é relativamente reduzido, atingindo os 107 elementos classificáveis (104 provenientes do Fosso 1 e três do Fosso 2).

Neste conjunto dominam os recipientes cerâmicos (96 registos individuais), não tendo sido identificados elementos decorativos em nenhum dos fragmentos, com excepção de um recipiente que poderia conter uma possível aplicação plástica. Correspondem maioritariamente a formas simples (pratos de bordo espessado, taças, tigelas e esférico-globulares), tendo sido registada exclusivamente uma taça carenada. 38 fragmentos não possibilitaram determinação formal. De um modo geral, as pastas são de baixa qualidade, revelando-se muito friáveis.

As restantes categorias artefactuais (Tabela 1) estão pouco representadas ou simplesmente ausentes nos conjuntos recolhidos. Assim, foi registado apenas um fragmento de peso de tear, 10 elementos de indústria lítica talhada (principalmente correspondentes a lascas e fragmentos, predominando o quartzito e o quartzo) e um grande dormente.

A par dos materiais classificáveis foi feito um inventário de outros elementos recuperados, tais como os bojos, argilas e faunas, tendo sido realizada a sua distribuição e pesagem individual (exceptuando os elementos faunísticos).

No caso das faunas, muito fragmentadas e de pequena dimensão, foi feita uma identificação preliminar das presenças a nível do táxon, estando presentes restos de mamíferos de médio porte (suínos ou ovino-caprinos), tendo sido, num dos casos, identificada a presença de um animal jovem (devido à presença de uma epífise não fundida). Foram igualmente recuperados elementos pertencentes a lagomorfos. A nível da malacofauna, apenas dois fragmentos

preservavam dimensão e características suficientes para possibilitar uma identificação: um exemplar de umbo de *Ruditapes decussata* e um fragmento mesial de *Pecten sp.*. A presença destes Bivalves marinhos/estuarinos revela a integração de Santa Vitória nas redes de circulação destes bivalves ou simplesmente das suas conchas.

Tabela 1 – Materiais recuperados na campanha de 2018.

Estrutura	Bojos		Argilas		Faunas
	Quant.	Peso (gr)	Quant.	Peso (gr)	Quant.
Fosso 1	304	6670	96	1871	59
Fosso 2	46	792	10	900	1

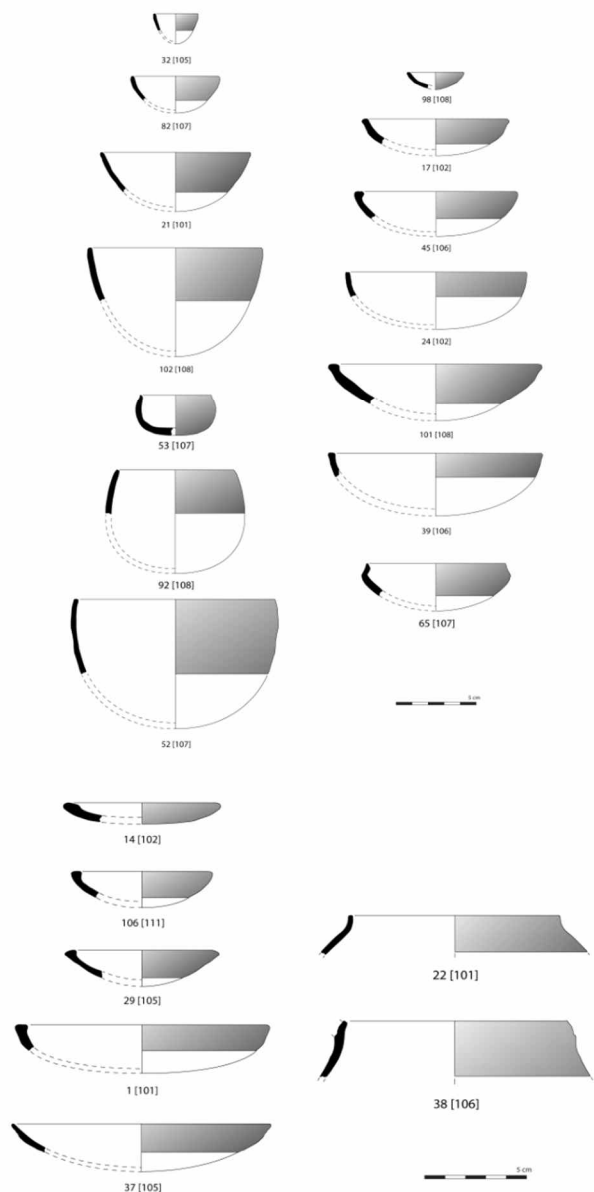


Figura 9 – Recipientes cerâmicos.

5. Cronologia

No sentido de começar a construir o quadro cronológico de Santa Vitória, foram realizadas quatro datações de radiocarbono sobre amostras de fauna (Tabela 2; Figura 11). Os resultados obtidos enquadram-se no terceiro quartel do 3º milénio AC e na transição do 3º para o 2º milénio AC, revelando-se surpreendentemente tardias em função da ausência de claros elementos tardios na cultura material conhecida e na registada nesta campanha. No Fosso 1, a data mais antiga, do terceiro quartel, provém de um dos depósitos da base do *recutting* identificado, enquanto que as duas mais recentes, da transição de milénio e estatisticamente indiferenciáveis, provêm do depósito de topo do enchimento desse *recutting* e do aglomerado pétreo que lhe é superior e extravasa os limites do fosso.

Por seu turno, a datação obtida para o Fosso 2 através de uma amostra recolhida na base do depósito [202] que preenchia o *recutting* observado, corresponde igualmente ao final do 3º / transição para o 2º milénio AC.

Estas datações indicam que a fase final de Santa Vitória, caracterizada pela realização de *recuttings* nos enchimentos dos fossos e pelos aglomerados pétreos no seu topo, data já do início da Idade do Bronze. A data mais antiga, enquadrada no terceiro quartel do 3º milénio AC poderá corresponder a um elemento faunístico de uma fase mais antiga da ocupação do sítio remobilizado no interior do *recutting*.

Tabela 2 – Datações de radiocarbono.

Estrutura	U.E.	Ref. Lab.	Data BP	Cal 2 sigma
Fosso 1	101	18B/1002	3620±30	2118-2097 (3,8%) 2040-1894 (91,6%)
Fosso 1	107	18B/1003	3630±30	2127-2090 (9%) 2045-1905 (86,4%)
Fosso 1	108	18B/1104	3950±30	2556-2521 (19,7%) 2499-2346 (75,7%)
Fosso 2	202	18B/1001	3670±30	2139-1957 (95,4%)

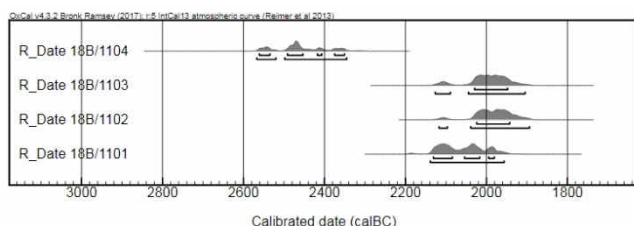


Figura 10 – Representação gráfica das datações calibradas, com recurso ao programa OxCal v4.3.2. (Bronk Ramsey, 2017), utilizando a curva IntCal13 (Reimer *et al.*, 2013).

Apontamentos finais e primeiras considerações

A campanha de 2018 realizada em Santa Vitória correspondeu ao arranque de um novo ciclo de investigação neste sítio arqueológico. Apesar dos amplos trabalhos ali realizados no século passado, a informação disponível à partida era escassa e praticamente reduzida a uma proposta de tipologia cerâmica. Por outro lado, o sítio, apesar de classificado, encontrava-se abandonado e num estado de conservação lastimável. Assim, começou-se quase do zero e grande parte dos recursos disponíveis para esta campanha foram gastos sobretudo na sua limpeza e preparação para a realização de trabalhos arqueológicos, os quais acabaram por ser restritos. Ainda assim, os resultados obtidos permitem alguns avanços no conhecimento do sítio.

O magnetograma obtido consolida a imagem de uma planimetria com dois fossos de traçado ondulante com lóbulos padronizados, num total de seis no fosso interno e possivelmente 12 no externo. Observa-se uma concentricidade entre ambos os recintos, existindo uma entrada orientada ao solstício de Verão (57º) no recinto interior e a Norte (0º) no recinto exterior (no magnetograma não se identifica mais nenhuma entrada nas partes bem visíveis deste fosso). É também possível verificar a existência de várias estruturas negativas fora do fosso externo.

Já as escavações, ainda com uma expressão reduzida, abrangeram sobretudo contextos da fase final de utilização do sítio. Esta parece caracterizar-se por abertura de *recuttings* no topo dos enchimentos prévios dos fossos e pela formação de aglomerados pétreos que os preenchem ou mesmo sobrepõem, extravasando ligeiramente os limites das estruturas negativas.

A cronologia obtida para esta fase final coloca-a no início da Idade do Bronze, numa fase final do 3º/transição para o 2º milénio AC, contemporânea dos momentos tardios dos Perdígões, onde para além de depósitos externos e estruturas relacionadas com práticas de comensalidade (Basílio, Cabaço, 2019), se conhecem igualmente práticas de *recutting* em fossos (Fossos 1 e 7) colmatados com pedras (Suárez *et al.*, 2015; Valera, Basílio, 2017). É igualmente genericamente contemporâneo do recinto cerimonial de Bela Vista 5 (Valera, 2014), onde uma vez mais a prática de *recuttings* preenchidos por pedras é recorrente.

Trata-se de um momento terminal do fenómeno dos recintos de fossos, que paulatinamente começa a ser identificado em alguns recintos e que, ainda que mal caracterizado, parece evidenciar algumas recorrências. Estas já não correspondem tanto à abertura de novos fossos nem a significativos investimentos arquitectónicos (os fossos de Bela Vista 5, abertos nesta fase, são de dimensões relativamente modestas), mas relacionam-se sobretudo com a prática de *recuttings* parciais, pouco profundos, e pelas acumulações pétreas, muitas vezes como que formando encerramentos, seja de fossos seja de fossas (como ocorre com o "Cairn" 1 dos Perdígões – Basílio, Cabaço, 2019).

Sobre as fases mais antigas de Santa Vitória não temos ainda informação. A datação mais antiga obtida, do terceiro quartel do 3º milénio AC, indica que o sítio estaria activo nesse período, sendo contemporâneo dos recintos da Horta dos Albardão 3 (Santos *et al.* 2009; Valera, Pereiro 2018) e Outeiro Alto 2 (Valera, 2013b), mas a sua origem poderá recuar à primeira metade do milénio. Contudo, não deixa de ser interessante assinalar o facto destes três recintos com fossos sinuosos de lóbulos padronizados e bem definidos, sendo até agora os únicos com estas características a estarem datados, apresentarem datações da segunda metade do milénio e em nenhum dos casos se observar a presença de materiais tardios como, por exemplo, a cerâmica campaniforme.

Por outro lado, não fica ainda claro se os dois fossos foram abertos num mesmo momento ou se o Fosso 2 é posterior e aberto numa fase mais tardia do sítio, uma vez que a datação obtida é já para o enchimento do *recutting*. Trata-se de um fosso de dimensões significativamente mais pequenas que o Fosso 1 (apresenta 1,00 x 0,75m contra valores que chegam a 3,40 x 1,6m no Fosso 1) e com uma componente artefactual bastante escassa, sobretudo quando comparada com a abundante cerâmica e fauna que fornece a metade inferior do Fosso 1 (informação pessoal de Miguel Lago, co-responsável de parte das escavações realizadas na década de oitenta do século passado). Se estas diferenças entre os dois fossos traduzem diferenças cronológicas no que respeita à sua abertura é, de momento, uma das muitas questões em aberto. Esta é apenas uma primeira aproximação às temporalidades de Santa Vitória, cuja abordagem consistente necessitará de um conjunto de datações muito mais alargado, que permita decompor em unidades de tempo mais curtas a biografia do sítio.

Para já, procurou-se estabelecer um patamar de partida para o novo projecto, cujas intervenções futuras procurarão compreender os tipos e processos de enchimento dos fossos, detalhar o espectro cronológico do sítio, começar a caracterizar a sua cultura material, desenvolver estudos faunísticos e abordagens à interacção (através de estudos isotópicos e estudos arqueométricos de proveniência). Desenvolver-se-á, ainda, o estudo da paisagem circundante a Santa Vitória, realizado através do mapeamento e caracterização em termos de implantação dos sítios já referenciados, procurando começar a criar uma imagem da estrutura de povoamento em que o sítio se integrou e foi socialmente activo.

Finalmente, convém referir que as questões arqueológicas e científicas decorrem a par do problema que hoje se coloca à conservação e restauro das estruturas de Santa Vitória, considerando o alto grau de exposição do sítio aos elementos ao longo das últimas décadas, e que levou a uma degradação significativa das mesmas. Neste âmbito, encontra-se em elaboração um relatório prévio, no qual, para além do diagnóstico realizado, se apresentarão propostas em alternativa com soluções para os problemas identificados, procurando aproveitar esta oportunidade para elaborar um programa de intervenção de conservação e

restauro que possa ser replicado neste tipo de património composto essencialmente por estruturas negativas.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio prestado pelo Município de Campo Maior e pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo, entidades parceiras do projecto SANVIT liderado pela ERA Arqueologia.

Referências Bibliográficas

- BASÍLIO, A.C.; CABAÇO, N. (2019), "An end that perpetuates: a cairn from the end of the 3rd millennium BC at Perdígões", In: A.C. Valera (ed.) *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*, Lisbon, ERA Arqueologia, 105-123.
- BRONK RAMSEY, C. (2017), *Methods for Summarizing Radiocarbon Datasets*. Radiocarbon, 59(2): 1809-1833.
- DIAS, A.C. (1996), *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Policopiado].
- DIAS, A.C. (2001), *Povoado Pré-Histórico de Santa Vitória (Campo Maior). Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve*, Estudos/Património, Lisboa, IPPAR, 73-75.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998), "Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1(1): 45-152.
- REIMER, P.J. *et al.*, (2013), Intcal13 and marine13 radiocarbon age calibration curves 0–50,000 years cal BP, *Radiocarbon*, 55 (4): 1869–1887.
- RODRIGUES, F. (2015), *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW Peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.*, Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. [Policopiado].
- SANTOS, F.; SOARES, A. M.; RODRIGUES, Z.; QUEIRÓZ, P.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F. (2009) – A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-história recente, com fosso e fossas, na encosta do Albardão (S. Manços, Évora), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12(1): 53-71.
- SUÁREZ, J.; MÁRQUEZ ROMERO, J.E.; CARO PÉREZ, J.L.; MATA VIVAR, E.; ALBADALEJO, P.C.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; ALTAMIRANO TORO, E.; MILESI, L.; CRESPO, E. (2015), "Excavaciones arqueológicas en la Puerta 1 del yacimiento de Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Universidad de Málaga, Campaña de 2013", *Actas del Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, 7: 279-298.
- VALERA, A.C. (2012a), "Mind the gap": Neolithic and Chalcolithic enclosures of South Portugal", In: A. Gibson (ed.), *Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe*, BAR International Series, 2420, 165-183.
- VALERA, A.C. (2012b), "Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Município de Almodôvar, 25-38.
- Valera, A.C. (2013a), "Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação", *Almadán*, Segunda Série, 18: 93-110.
- VALERA, A.C. (2013b), "Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português", *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, AAP, 335-343.

- VALERA, A.C. (2014), *Bela Vista 5. Um Recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombaja, Beja)*, Era Monográfica, 2, Lisboa, Era Arqueologia.
- Valera, A.C. (2015), "Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures". In: H. Meller/R. Risch/R. Jung/H. W. Arz (eds.), 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?. 7th Archaeological Conference of Central Germany, Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13,1–2 (Halle [Saale], 409-425.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. (2017), "Approaching bell beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales", In GONÇALVES, V.S. (ed.), *Bells and bowls near the ocean and far away. About beakers in the Iberian Peninsula*, Estudos e Memórias, 10, Lisboa, 82-97.
- VALERA, A.C.; BECKER, H. (2011), "Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7: 23-32.
- VALERA, A.C.; FILIPE, I. (2004), "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)", *Era Arqueologia*, 6: 28-61.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. do (2018), "Novas abordagens geofísicas a recintos de fossos do interior alentejano: os casos de Santa Vitória (Campo Maior), Coelheira 3 (Beja), Horta do Albardão 3 (Évora) e Borralhos (Serpa)", Comunicação apresentada ao X Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Zafra.
- VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. do; COSTA, C. (2017), "Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives", *Estudos do Quaternário*, 17: 57-76.

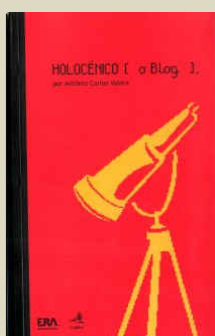
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva

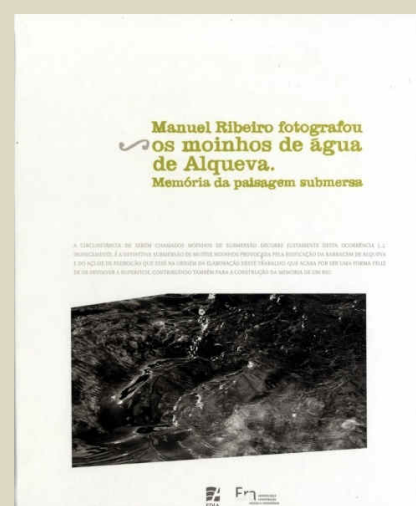
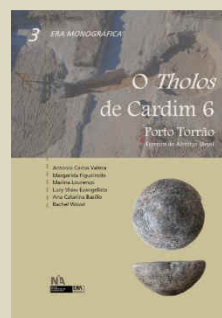
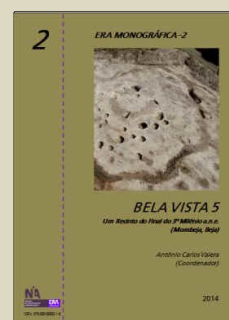
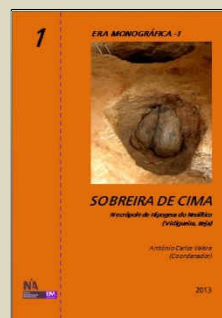


“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

Série ERA Monográfica

Três volumes publicados



ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt